VICTOR SERGE

MEIA-NOITE NO SÉCULO

Tradução do francês de
FLORENCE CARBONI

2021

FCM
Porto Alegre
Leitores do mundo, uni-vos!

MEIA-NOITE NO SÉCULO

Tradução do francês de
FLORENCE CARBONI

Capa:
Gregorio Carboni Maestri
Ilustração: desenho de Émilien Sallustio

Diagramação:
Tiaraju de Almeida - MTE/RS 16.669
Adriana Rebelatto

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Serge, Victor, 1890-1947.
Meia-noite no século / Victor Serge ; tradução Florence Carboni. -- 1. ed. -- Porto Alegre : FCM Editora, 2021.

Título original: S'il est minuit dans le siècle
ISBN 978-65-87681-04-7

1. União Soviética - Revolução, 1917-1921 - Ficção 2. Romance russo em francês I. Título.

21-65525 CDD-843

Índices para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura russa em francês 843
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

FCM
Porto Alegre
Leitores do mundo, uni-vos!

Sumário

Breves considerações sobre a presente tradução 7

O Caos 10

As Águas Negras 44

As Mensagens 84

As Diretivas 140

O Início 154

Victor Serge: Uma Vida pelo
Trabalho e pela Revolução 211

Breves considerações sobre a presente tradução

Para os linguistas soviéticos Bakhtin-Volochinov, o fenômeno, que geralmente chamamos de "individualidade criativa", expressa a linha rígida e constante da "orientação social" do escritor ou artista. Isto é, de suas opiniões de classe que foram tomando forma na sua linguagem interior. São as orientações sociais contidos na estrutura sociológica dos estratos superiores da criação ideológica – e portanto artístico-literária –: suas ideias, seus gostos, suas simpatias e antipatias de classe, que se elaboraram e evidenciaram nessa sua linguagem interior. O poeta, o escritor, o artista não conseguem modificar essas orientações sociais, de um momento para outro, para se adaptar à moda do momento[1]. A linguagem artística externa dificilmente entra em contradição com as orientações sociais fundamentais da linguagem interior do autor. Quando esse último tenta fazê-lo, ele, inevitavelmente, perde sua capacidade criativa e sua força[2].

No presente romance, *Meia-noite no século*, que tive o imenso prazer de traduzir do francês ao português, o autor, o revolucionário internacionalista belgo-russo Victor Serge, é exemplo paradigmático desse fenômeno, mais ainda porque, através dos seus personagens, é de certo modo sua história pessoal que ele nos conta; é de seus camaradas e companheiros, mas também de seus antagonistas sociais e políticos, que ele nos fala.

Acredito que um tradutor, mesmo excelente e dominando perfei-

1 Cfr. Mikchail Bakhtin: *Linguaggio e scrittura*, a cura di augusto Ponzio, Meltemi Editore, Roma, 2003.

2 Idem.

tamente o francês e o português, se não compartilhasse, ao menos no essencial, as visões de mundo do autor, dificilmente produziria uma tradução satisfatória desse romance. A escrita de Serge é muitas vezes difícil, lacunar, sendo, creio, melhor compreendida e interpretada por tradutor que compartilhe de sua visão de mundo e sentimentos em relação aos personagens – realmente existidos ou fictícios —, acontecimentos, contextos sociais, certezas e incertezas, etc.

Algumas particularidades da minha tradução são mais pragmáticas, como o fato de ter traduzido as falas populares de alguns personagens, usando variantes dialetais do Centro-Sul do Brasil, onde passei a maior parte de minha vida, após nascer na Bélgica, onde iniciei meus estudos universitários em Linguística e voltei, mais tarde, para completá-los, em Louvain-la-Neuve e em Bruxelles, cidade onde nasceu e cresceu Victor Serge.

Talvez a maior dificuldade foi conseguir apresentar em português, de maneira coerente, a complexidade de cada um dos personagens coadjuvantes, como os ocupantes do *Caos* – Tia-Bunda-Grande, Malych-O-Baixinho – ou ainda os encarregados da repressão – o execrável Fedossenko, o Franzino etc., —, mas, sobretudo, dos protagonistas — Kostrov, Avelii, Rodion, Elkin, Varvara, Galia. E de todos os camaradas comunistas revolucionários citados no romance, que, apesar da terrível repressão, enfrentaram a morte acreditando que era possível salvar a Revolução e, portanto, o mundo.

Agradeço as sugestões e as correções do historiador Mário Maestri, que há anos me incentiva a realizar essa tradução, e as preciosas e atentas leituras da companheira arquiteta e historiadora Nara Machado.

Optamos por anotar o texto, devido a possível pouca familiaridade de leitores com os locais geográficos, sucessos e personagens históricos, etc. citados pelo autor, mais comumente imprescindíveis à plena compreensão da narrativa.

Um posfácio, de responsabilidade de Mário Maestri, apresenta telegraficamente os fatos atinentes a essa narrativa de Victor Serge e à sua vida, até a conclusão do romance, em 1938.

Optamos, quanto ao título, *S´il est Minuit dans le Siècle*, traduzi-lo em *Meia-noite no século*. A presente tradução-edição é de livre acesso.

Florence Carboni - Gênova, agosto de 2021.

Ilustração de Emilien Sallusiio

Primeira Parte

O Caos

Na sua vida, Mikhail Ivanovitch Kostrov, que nunca fora supersticioso, sentia quando as coisas vinham chegando. Elas se preanunciavam em indícios quase imperceptíveis. Foi assim quando ele foi preso. Primeiro, o tom singular que o reitor usou para lhe dizer: — Mikhail Ivanovitch, decidi suspender momentaneamente o seu curso... Você chegou ao Diretório, não é? Claro, medo das alusões ao novo momento político. —Sugiro que prepare — continuou o reitor — um curso muito sintético sobre a Grécia... Um salto de quase dois mil anos. Nesse momento, Kostrov sentiu que ele estava no ponto de cometer um erro, mas continuou mesmo assim, somente pelo prazer de assustar um pouco aquele medroso, bem sentado na sua cadeira, que mudava a voz para telefonar ao Secretário do Comitê. — Excelente ideia, disse Kostrov. — Há tempo venho pensando em uma série de conferências sobre a luta de classes na cidade antiga... — Há espaço para uma teoria toda nova sobre a tirania. O reitor evitava seu olhar, a cabeça baixa, os olhos cravados em seus papéis. O topo do crânio careca parecia ter sido tonsurado. — Bem, mas sem exagero nas novas teorias, resmungava ele entre seus lábios espessos. Até logo. Foi ao ver a tonsura que Mikhail Ivanovitch sentiu a chegada dos acontecimentos...

Ele saiu dali bem consciente: "Alguém me denunciou. Quem?" Aí, na sua memória, reapareceu a imagem de uma mulherzinha pouco

elegante e atarracada, com um busto um pouco forte, apertada na sua capa de chuva das lojas do Exército. Testa estreita, boca grande, olhar sem calor, algo no conjunto do rosto que lembrava um roedor. Ele não gostava dela. Debaixo de sua mão rechonchuda, ela segurava uma pasta de militante, já abarrotada, certamente, de papéis importantes. Teses do Comitê Distrital para os agitadores, lista dos ativistas, etc. — Camarada professor, o Senhor não tem sido muito claro a respeito dos termidorianos de esquerda... ou talvez eu não compreendi seu ponto de vista... O Senhor disse, eu anotei, *que eles eram maus termidorianos, que, ao apoiar Barras e Tallien, estavam contribuindo para sua própria perda*... Eu não consigo entender completamente a distinção que o Senhor faz entre bons e maus termidorianos... Tu, pequena safada, estás me vigiando; és tu, tu, que andas me denunciando... Naquele momento, ela estava saindo da sala de *Dia-Mat* –Dialética Materialista– com sua pasta na frente e aquele seu nojento peito mole, falando muito alto com sua voz um pouco rouca, feita para as tribunas levantadas em pranchas mal aplainadas, com faixas vermelhas... Naturalmente, ela falava do jornal mural. — Não é permitido, dizia com um tom de autoridade. — É até inadmissível! O comitê de redação... Ao ouvir a palavra *inadmissível*, Kostrov não teve mais dúvida. Delatora! Ele apressou o passo para não ter que cumprimentá-la, mas ela o saudou alegremente e atrás dela aparecia o cabelo encaracolado de Irina, uma pequena *zyriana*[3] , das terras altas de *Kama*[4] , que ele achava encantadora, com suas feições cordiais, seus olhos compridos, as maçãs do rosto salientes, seus pequenos lábios esculpidos por um miniaturista da Idade das Renas... — Então, camarada, perguntou, e o seu tema? Tudo bem? Ela respondeu sim com a cabeça, séria e risonha – risonha somente no fundo dos olhos, esses minúsculos grãos de ouro ao longe, como que no fundo da água. Eles falaram pouco tempo, até que uma onda de estudantes os separou, já que o relógio soava às onze.

À noite, na mesa, sentado na frente da Ganna, com, entre eles, Tamarotchka, empoleirada na sua cadeira de encosto pintado, ele perguntou:

— O que você diria, Ganna, se me prendessem? Ganna não parou de servir o macarrão cinza à pequenina. Suas bochechas ficaram levemente vermelhas, seus óculos com aros de tartaruga pareceram um

3 Zyrianos (ou sirianos): etnia do povo fino-ugriano sobretudo da República Autônoma dos Komis, na Rússia. Cf. nota 52.

4 Kama: região da Rússia europeia oriental.

pouco desalinhados. Ela só disse: — Você acha?

A pequenina escutava, como um ratinho à espreita. Hoje em dia, é preciso que as crianças entendam das coisas. Que elas saibam. Preparálas é melhor do que mentir-lhes sem parar. Quando prenderam Vanil Vanilitch, daqui de baixo, há quinze dias, lembro que sua Svetlana, a quem tinham dito "o papai foi a Leningrado, sabe, na Academia das Ciências", acabou se lamentando de que a estavam enganando. — Eu sei que o papai está preso, sei sim! E estou triste que o papai esteja na cadeia, mas por que todo mundo me mente? O judeu do terceiro andar estava na cadeia. O cunhado de Marussia, também. Svetlana, de sete anos, dizia para Tamarotchka, de seis anos: — E eu vi um homem que fuzilaram: ele vinha na casa da minha tia, ele tinha um nariz grande, era um homem mau, estou feliz que foi fuzilado. Seu avô a repreendia: — Svetlana, é feio falar assim, Svetlana, é preciso pensar na dor dos outros. (Esse avô era um velho gagá, que simpatizava discretamente com a seita dos Tchourikovtsi[5]). Svetlana, emburrada, obstinava-se, encarando-o debaixo de sua grande testa saliente: — Tá, vovô, mas eu digo que ele é um homem mau. Então, foi bom que o fuzilaram... Ela saltitava em um só pé e repetia: — Bem feito. Talvez ela fizesse isso somente para ver os olhos de seu avô molharem-se, e nos seus lábios, nascer um leve tremor, onde ela reconhecia que ele a amava e que era fraco. Tamarotchka observava esse jogo da amiga, ouvia tudo. Como seu vovô a ama e como ela o tortura! Como tu é malvada, Svetlana!, pensava ela. E ela pulava do lado, batia no ombro da Svetlana, fugia atrás do banco para ser perseguida... Então, o avô enxergava, recortada no céu pálido, a sombra reta de um homem, que parecia feito de pedra cinzenta, um homem emaciado, severo, todo em linhas altas. Muito reto. Muito duro. Muito bonito. O Inquisidor. O avô suspirava. Só era o naturalista Timiriazev[6], pois as crianças iam passear na avenida Tverskoy, no cruzamento com a rua Malaya Nikitskaya. Ali, naquela rua tranquila, à direita, havia uma banal igreja branca: nela, há cem anos, Pushkin[7] havia se casado. Pushkin:

Não há felicidade aqui na terra, somente calma e vontade.

5 Tchourikovtsi: membros da seita dos Abstinentes.

6 Kliment Timiriazev (1843-1920), botânico russo, defensor do evolucionismo darwinista.

7 Alexandre Pushkin (1799-1837), célebre poeta e escritor russo romântico, de idéias liberais.

O vovô gostava desse verso, ele que não tinha tido nem calma nem vontade. Como o próprio Pushkin. Como quase todos nesse mundo. Mas esse verso continha uma harmonia, uma mentira admirável. Não, ele continha uma verdade do além. Mais verdadeira que a verdade, superior a ela. A calma e a vontade não existem; elas dominam tudo, inacessíveis e supremas, reais e irreais. Ninguém pode entender isso, ninguém... Em frente à igreja, havia um pequeno solar baixo, contornado por uma grade reforçada por uma cerca de tábuas, contra a indiscrição. Ali vivia Máximo Gorki[8]. Aquele não precisava de nada. Nem calma, nem felicidade, nem vontade! Ele escrevia, implacavelmente, coisas meigas e revoltantes, quase sem alma... Ele talvez sofresse por isso, pois todos devem sofrer ao compreender que têm tão pouca alma ao chegar às portas da morte. "Eu até rezaria por ti, Alexei Maximovitch, pensava o avô, mas os teus escritos me tiram essa vontade..." Todo esse universo e algo ainda maior, mais complicado, estavam, nesse momento, na alma de Tamarotchka, seis anos, ratinho à espreita, que beliscava alguma coisa, na mesa, com os olhos bem abertos. Acima dela, o homem e a mulher perscrutavam o futuro neles mesmos.

— Você acha? repetiu Ganna.

Kostrov tomou consciência que ele sabia. Presciência, pressentimento são palavras de ignorantes que dizem exatamente o que dizem. A gente soma uma grande quantidade de observações subconscientes e de cálculos e disso, de repente, resulta uma certeza, talvez não totalmente racional, mas nem por isso das menos válidas.

— Claro.

— Em seis semanas, tivemos ao menos trezentas prisões em Moscou, pensa bem. Todas de homens da minha geração, militantes da Guerra Civil[9], opositores de 26-27[10]; todos eles tinham se acomodado para ficar em paz... Ganna refletia. Ganna, surpreendentemente parecida com uma menina estudiosa, com as bochechas rosadas, o nariz um nada arrebitado, os cabelos bem divididos no meio da testa. Mes-

---

8 Máximo Gorki (1868-1936): célebre escritor e romancista russo, revolucionário, amigo de Lênin.

9 Guerra Civil (1918-1923). Agressão de tropas nacionais e internacionais à jovem república soviética, quando foi construído o Exército Vermelho, sob a direção de León Trotsky.

10 Oposição de 1926-27: junção sobretudo de Kamenev, Zinoviev e Krupskaia e seguidores com a Oposição de Esquerda (1923), dirigida por L. Trotsky, contra a burocracia e orientação de direita do PCUS.

mo na cama, na hora das carícias, ele pedia que ela ficasse com seus óculos com aro de tartaruga, por causa da seriedade divertida que eles davam ao seu rosto de criança. Quando ele dizia isso, ela ficava deliciosamente corada. — Não, deixe-me tirá-los, eu fico envergonhada... A risada do macho a ofuscava, a fazia ficar vermelha e Mikhail repetia: — Não, não deixo, querida, querida... — e se curvava sobre ela, nua. Ele gostava dela, não sabia direito se a amava. É assim que se vive, sem saber.

— Se eles te prenderem, perguntou, não acha que vão me demitir nas Estatísticas?

— É bem possível. Você pode vender o sofá... E meu terno marrom... Riram. O sofá, o terno marrom, últimos recursos! Eles estavam preparados. Dois dias depois, o prenderam. Assim, simplesmente, na rua, antes do ponto de parada do bonde. Um cara apareceu na calçada, ao seu lado, andando no mesmo ritmo que ele, o alcançando caminhando em diagonal. Boina e casaco surrados, jovem rosto de homem inculto. — Camarada Kostrov, vou pedir que o Senhor me acompanhe... — Eu sei, eu sei, disse Mikhail Ivanovitch, quase aliviado de sua espera. O outro não pareceu surpreso. — Por aqui. Entraram em um pátio com a pavimentação muito deteriorada. Poças de água da chuva estavam estagnadas; um carro todo respingado de lama da noite anterior estava estacionado em frente a uma porta aberta que dava para um corredor escuro... Dos porões, subia um leve cheiro de podridão. Kostrov colocou o pé em uma poça, ficou contrariado pensando que ele iria emporcalhar a bainha das calças e mais contrariado ainda ao notar que ele só conseguia pensar em algo tão estúpido. O cara abriu-lhe a porta do carro. — Suba, cidadão. *O Comitê da Cooperativa de Moradia pede aos locatários com aluguéis atrasados... sob pena de inscrição no quadro negro... Cooperativa de Moradia nº 6767, Lenin vive eternamente.* Kostrov leu essas linhas afixadas no gesso decrépito... Eternamente! Bando de idiotas! O carro sacudiu nas poças d'água, manobrou, sob o sino aflito de um bonde, lançou-se em direção à torre quadrada, de tijolos vermelhos, da Porta da Trindade, passou correndo em frente às muralhas do Kremlin, das altas colunas brancas do Grande Teatro, diminuiu a velocidade ao passar pelo retrato gigante do Chefe, que recobria toda a fachada de uma grande loja em construção, parou de supetão na praça Dzerjinski[11], à altura de uma porta, igual a qualquer

11 Félix Edmundovich Dzerjinsky (1877-1926): dirigente bolchevique, fundador da polícia

outra, vigiada por um soldado de infantaria que usava uma espécie de capacete com ponta de pano. Acima dessa porta, uma máscara em bronze escurecido sorria maliciosamente na sua barba. "Olá, Marx! lhe disse Kostrov em pensamento. Essa baioneta te incomoda? Tens razão em não aparecer entre nós, pois tu também passarias por essa porta, meu velho, e tu serias rapidamente atendido..." Somente ideias banais iam e vinham, desordenadamente, na sua cabeça, golpeada por um vento frio. Mas ele não sentia medo: somente uma espécie de alívio, um desejo de debochar...

A seguir, ele mergulhou no tédio de uma longa espera inútil em um escritório vazio; dali, o levaram por um elevador em uma banal repartição do Caos; do Caos, ele subiu de novo à superfície do silêncio, tranquilamente; e ali chegou a dor cardíaca. E assim, uma chave gira em uma fechadura, do outro lado da porta; e, atrás dessa porta, um inteiro mundo de desolação, desconhecido. Kostrov poderia lhes ter dito, complacente consigo mesmo: "Olha, eu não fico impressionado por estar preso. Vivi coisas piores. Por exemplo, em Lvov, na Polônia, em 20, a Polícia Militar me prendeu em uma operação à procura de suspeitos. Meu amigo, fiquei com muito medo! Se eles tivessem examinado melhor meu passaporte tcheco, eu teria sido, pelo menos, enforcado. Em 21, houve outra história, em Tiflis[12]. Claro, menos perigosa, pois os social-democratas georgianos foram muito bem informados. Noé Agachvili veio me ver na prisão de Métek – tínhamo-nos conhecido em Paris. Ele me disse — Sua sublevação? Meu caro, sei tudo dela. Estou te colocando num lugar seguro, no teu próprio interesse. Aliás, gostarias de jogar uma partida de xadrez? É importante lembrar que Agachvili nunca esqueceu o xeque-mate a que o sujeitei em Petersburgo, após a Insurreição de Julho[13], quando nos jogamos um contra o outro na esquina da Millionnaya... Eu mesmo o prendi algum tempo depois da sovietização; nessa altura, ele deve ter sido deportado no Uzbequistão[14]... Em 24, em Roustchouk[15], na Bulgária, momento difícil... Em 28, em Moscou, mas ali tive boas discussões ideológicas com meu juiz instrutor. Que não foram vãs, já que, desde

política (Tcheka).

12 Tiflis: hoje Tiblíssi, capital da Geórgia, na época parte da URSS.

13 Jornadas de Julho de 1917: movimento fracassado, em Petrogrado, de anarquistas, socialistas revolucionários e bolcheviques contra o Governo Provisório.

14 Naquele então, República Socialista Soviética do Uzbequistão, Ásia Central, parte da URSS. Hoje, República do Uzbequistão.

15 Roustchouk (Rustschuk), cidade-porto da Bulgária, sobre o Danúbio.

então, ele pegou o mau caminho, ou melhor, o bom caminho: ele se encontra nas ilhas Solovietski[16], cinco anos, *five years, Sir*, por desvio de extrema esquerda...

"Aqui, apesar de tudo, me sinto em família, em casa. Nos prendem, é a política que exige. O armazenamento do trigo está se aproximando, será um fiasco, claro, os números de controle da Comissão do Plano o mostram claramente. Então, eles têm medo da gente, apesar de ficarmos quietos..."

O Caos era um quarto retangular que continha seis camas e trinta presos. O vapor dos hálitos corria nas paredes, a fumaça do tabaco era tal que havia uma nuvem sufocante. Estava muito quente, tinha-se a pele pegajosa, dor de cabeça, ânsia de vômito. Sempre havia alguém vomitando. Mijava-se ou defecava-se na cloaca e os recém-chegados, colocados naquele canto, viviam no fedor e nos nauseantes ruídos orgânicos. Dormia-se em cima e debaixo das camas; para se locomoverem, todos haviam concordado em reservar um estreito espaço ao longo da parede do fundo, apelidado de *Avenida*, onde todos apertavam-se uns contra os outros, em pé ou acocorados. Em turnos, de modo que todos pudessem passear um pouco. À noite, em algum lugar lá de cima, após diversos andares, que eram universos fechados, superpostos, uma orquestra de metais tocava músicas estimulantes, para fazer dançar um clube do 4º Batalhão Especial, uns caras de uniforme e loiras, castanhas, morenas, ruivas – isso mesmo, havia até ruivas —, demasiadamente pintadas, os ombros cobertos com aqueles lindos xales, muito coloridos, que eram vendidos por vinte e um rublos na Coop do Serviço Político. Um fantasma com cavanhaque, erguido na bruma do Caos, contava ter vendido esses xales, — E essas pequenas vagabundas estão lá em cima se requebrando, e eu estou aqui por causa de seis xales! Se isso é vida, merda! Os insultos escorregavam de sua boca enquanto a orquestra se exaltava. Trinta fantasmas, cujas vozes haviam sido sufocadas pelo regulamento, agitavam-se lá dentro, esforçando-se para viver uns em cima dos outros, coçar-se sem atrapalhar demais o vizinho, dividir de modo equitável a água morna, o pão preto, minúsculos pedaços de açúcar, matar o tempo, matar o medo. Poderia ter sido feita uma lista bem completa de crimes possíveis, hediondos e nobres, imaginários, fictícios, reais,

16 Ilhas Solovietski, arquipélago no golfo de Onega, no mar Branco, norte da Rússia, primeiro campo de prisioneiros políticos soviéticos.

inimagináveis, ao catalogar suas histórias, que, aliás, só contavam baixinho e à conta-gotas, com medo dos delatores. — Olha, esse véio ali, à direita daquele babão que fica quase sempre deitado, é um deles. Prometeram alguma coisa para ele, para que ele fique escutando; ele escuta tudo e acrescenta mais alguma coisa. Onde ele for, vamo *pegá* ele, pode *acreditá.* Se tivesse perscrutado um pouco melhor suas consciências de fantasmas, se teria produzido uma lista ainda mais completa dos sofrimentos vãos e das inocências inconscientes. O Ancião era o maior – pela estatura —, o mais ossudo e o mais sábio dos moradores do Caos: a cada dificuldade, suas sobrancelhas emaranhadas e seu queixo, que parecia esculpido na pedra, surgiam de uma névoa de tabaco e restabeleciam a ordem, a paz. "Eu, no meu Caos nº 16, tenho Dostoiévski[17] inteiro, dizia ele com orgulho, e mais ainda! Trinta e uma desgraças só nessa manhã." Dois trotskistas discutiam, um verdadeiro e outro duvidoso, o verdadeiro debaixo da cama, o outro em cima, em voz baixa, as objeções de Radek[18] à teoria da revolução permanente[19]. Mikhail Ivanovitch os identificou, mas como ele tinha abjurado, em 29, reconhecendo que a coletivização[20]... Eles se mostraram pouco sociáveis. Mikhail Ivanovitch, desconcertado, procurou e conseguiu a simpatia de um corcunda pálido, que havia fabricado sabão sem licença. O fantasma mal trapeado que ficava andando devagar na *Avenida* – quatro metros e oitenta de comprimento – parou de repente e disse, com voz bastante forte:

— Cidadãos e camaradas! Desculpem minha grande liberdade. Não aguento mais. Peço licença para chorar. Ouviu, Ancião?

— Licença para chorar. A voz segura do Ancião chegou da zona de sombras do Caos, debaixo da moldura luminosa da janela.

— Chora, meu *véio*, quanto tu *quisé*, quanto tu *conseguí*. Nesse lugar

---

17 Fiódor Dostoiévski (1821-1881). Romancista imortal, autor de *Recordações da Casa dos Mortos*, semi-biográfico de sua vida como prisioneiro político sob o czarismo.

18 Karl Radek (1885-1939), de origem judaica, nascido na Ucrânia, marxista desde 1889, bolchevista desde 1917, dirigente da Internacional Comunista, expulso do PCUS por oposicionista (1927), readmitido(1930), julgado nos Processos de Moscou (1936-38), executado (1939).

19 Revolução permanente, título de livro de L. Trotsky (de 1928- 1931). Defesa da realização, na era do capitalismo, das tarefas democráticas associadas à revolução socialista, como ocorreu na Rússia, em 1917.

20 Em 1928, em forma autoritária e não planejada, Stálin e a burocracia abraçam a industrialização e coletivização do campo, propostas pela Oposição de 23. Oposicionistas presos abjuram, então, de suas posições e retornam ao PCUS, em geral até novas condenações e execuções.

é o único direito que tu tem como cidadão. E não quero ver ninguém rir, camaradas. Só tenta não *fazé* muito barulho. O regulamento é a lei suprema.

Todos ficaram olhando. Os jogos de dados e de damas se interromperam. Os dados e peões, feitos de massa de pão ressecada, perderam imediatamente seu sentido. O rosto do homem (que se parecia mais com um fantasma) estava terrivelmente esquelético, tinha cor de muralha, de terra, de agonia, de loucura. Não há palavras para dizer essa cor da face humana que ninguém nunca pintou. Uma cara eriçada de pelos cinzentos e os olhos, buracos, com um leve brilho ao fundo. O homem disse:

— Me acusam de espionagem. Eu, um pobre coitado, companheiros e camaradas, juro a vocês, sou um pobre coitado!

Suas palavras se contorciam como um lamento, mas o rosto permanecia seco. Com o pomo de Adão saliente, o pescoço muito magro, franzido pelos tendões. Após uma pausa, o Ancião replicou do fundo de seu canto.

— Do que que eles *tão* te acusando, *pra* nós não interessa. E vou te *dizê* que não interessa nem a ti. O poder sabe o que faz quando nos bota aqui dentro. O mais triste dessa história é que todos nós somos pobres coitados que nem tu...

O espião olhava em volta com uma espécie de despeito. Passou os dedos no seu rosto, de cima para baixo, dedos finos e sujos. Tudo nele era seco.

— E agora não consigo chorar. Não consigo mais, camaradas, me desculpem. Passou. Porcaria de vida, tomara que isso acabe logo.

O Ancião voltou a falar, de modo sentencioso:

— A Sessão permanente do Caos nº 16 continua. Passemos à ordem do dia.

***

Mikhail Ivanovitch viveu no Caos sete semanas cheias de pequenos acontecimentos – os dias passavam muito rapidamente, apesar das

horas serem lentas e pesadas — absolutamente vazias na sua memória. Ali dentro, os homens existiam com um poderoso relevo. A existência os esmagava, mas o tempo propriamente dito não existia. Mikhail Ivanovitch recebeu um pacote de sua mulher: bom sinal. Nos casos difíceis, não era permitido. A dezena de ovos duros – que os guardas tinham barbaramente quebrado e cortado com faca suja – era uma prova de que Ganna não havia sido demitida, no dia 15, do Serviço das Estatísticas. Mas na quarta-feira seguinte, ele esperou em vão, ansioso cada vez que ouvia passos aproximarem-se da porta. Tatarev, especulador, um ruminante mole, cuja corpulência ia gradualmente ficando mais flácida, recebeu doces, que ele dividiu: uma parte para todos, a outra para ele. A dele, ele colocou debaixo do cobertor cinza e ficou olhando para ela. As pequenas fatias de pão seco pareciam douradas, irradiavam luz. Tatarev olhou para elas até a noite e as comeu de madrugada, fungando longa e repetidamente e com barulhos irritantes de mandíbulas. Porcaria de ruminante! Dois homens tiveram disenteria. Os deixaram diversos dias no Caos, que eles encheram de fedor. Era claro para todos que a vida os estava deixando nas defecações sangrentas, o dia inteiro e a noite inteira. Era um mecânico acusado de sabotagem e um ex-vendedor acusado de fraude. Duas vezes ao dia, o Ancião explicava ao supervisor:

— Tou lhe dizendo que estão batendo as botas, camarada chefe, e que isso é contrário ao regulamento de higiene.

— Tá bem, tá bem, dizia o segurança. Mas não vão morrer essa noite, vão? E não tem lugar no lazareto. Esperem amanhã.

Talvez estivessem esperando que a morte esvaziasse duas camas no lazareto, para poder levar esses moribundos fedorentos. Lá em cima, das nove às onze, a orquestra tocava músicas difíceis; as morenas, as castanhas, as loiras e até as ruivas, com os ombros cobertos de xales muito coloridos, giravam nos braços de militares... Uma camisa foi roubada do preso Tia-Bunda-Grande, um rapaz muito correto, acusado de ocultismo, a quem a natureza havia castigado com uma bunda um pouco desproporcional. Uma tia lhe fornecia mantimentos. Por isso seu duplo apelido. Ele recusou, indignado, a busca em todo o Caos, proposta pelo Ancião. Mas isso deu origem a longas discussões, uma verdadeira crise de consciência dentro do Caos, onde os ladrões, que constituíam uma fração organizada presidida por Maly-

ch-o-baixinho, oriundo da feira de Smolensk[21], anunciaram que eles exigiam a restituição do objeto roubado durante a noite, caso contrário eles estavam determinados a descobrir o culpado e fazer com que não quisesse nunca mais recomeçar. Na manhã seguinte, aos pés de sua esteira, Tia-Bunda-Grande encontrou sua camisa, à qual só faltava um razoável quadrado de tecido. Algo totalmente insólito, secreto, inverossímil aconteceu quando, das privadas, onde, duas vezes ao dia, íam todos juntos, enfileirados sobre as latrinas, enquanto os companheiros das Segunda e Terceira Turmas esperavam, de pé, na frente dos outros, os da Segunda Turma, com as calças já arriadas, pois os guardas na entrada já latiam: — Mais rápido, vamos, mais rápido, cidadãos!, Malych-o-baixinho trouxe meio-litro de aguardente para a Fração dos Ladrões. Essa bebida sublime foi tomada entre iniciados. Uma elite que se revelou assim no Caos. Kostrov comoveu-se quando, a uma da manhã, um cara da Fração passou-lhe um fundo de caneco do prodigioso tônico. Esse fundo de álcool o afastou dos pensamentos que, sem motivo, ele vinha tendo a respeito da morte de Svetlana[22]. Convenceu-se que nessa hora Svetlana[23] estava dormindo, com suas bochechas rosas, o punho fechado debaixo do queixo e seu ursinho de pelúcia deitado ao seu lado.

Os dois trotskistas dos primeiros dias tinham ido embora, sendo substituídos por dois outros, operários da usina Amo, um dos quais não tinha ideia de nada. Chegou também um contador socialdemocrata, extremamente limpo, que, misteriosamente, na manhã seguinte já estava completamente imundo. Ele amolou Kostrov falando da democracia operária. — Está chegando com doze anos de atraso, estimado camarada. Mikhail Ivanovitch quase se zangou. — Não temos nada, nada em comum com o menchevismo. Entre a contra-revolução kauskiana e nós...[24] Discutiram muito, de modo muito hostil, porém amigável. O socialdemocrata parecia judeu, ele conhecia as regiões de Oufa, Semipalatinsk, Kansk, Chenkoursk[25], por ter sido deportado lá durante sete anos. Essa vez, ele esperava ser enviado ao Cazaquistão.

---

21 Smolensk: cidade no oeste da Rússia, às margens do rio Dniepre, próxima à fronteira com a Bielorrússia.

22 Distração do autor, pois o nome de sua filha é Tamarotchka.

23 Idem.

24 Karl Kautsky (1854 - 1938), teórico marxista que abraçou o reformismo.

25 Oufa (Ufá), capital da República do Bascortostão; Semipalatinsk, cidade da República de Cazaquistão; Kansk, cidade na Sibéria Centro-meridional; Chenkoursk, cidade na margem direita do rio Vaga.

Jamais, mais tarde, Mikhail Ivanovitch iria conseguir se lembrar de seu rosto, por ser um rosto banal, mas também porque eles costumavam conversar deitados na escuridão, ao lado de um tapume. Porém Mikhail Ivanovitch teria reconhecido seu interlocutor entre mil outros por causa de seu bafo nauseante e de um tique dos seus lábios, que, de vez em quando, faziam ploc-ploc. Havia poucos casos graves nesse Caos. Não era como no Caos 18, onde mais da metade dos presos podia esperar ser executada antes do final do trimestre. Aqui, só um carteiro (roubo de encomendas) e um carreteiro (roubo de dois sacos de grãos), corriam o perigo de serem mortos com uma bala de revólver Nagan[26], em virtude da lei de 7 de agosto de 1932 sobre o caráter sagrado da propriedade coletiva. O carreteiro falava disso sem emoção aparente: — Sou recidivista, entende? Já me perdoaram uma vez, *magina* se vão *fazê* de novo... Ele ficava deitado o tempo todo, as mãos debaixo da nuca, observava tudo, falava pouco; sua vida interior só se traduzia, uma vez a cada hora, mais ou menos, por uma série de palavrões, sussurrados para ele mesmo. — Caralho! Bastardos, puta que os pariu. (Na realidade, os xingamentos eram bem mais contundentes e também monótonos.) O carteiro, jovem e loiro, membro das Juventudes Comunistas, parecia mais tranquilo. Malych-o-Baixinho, que percebera isso ao primeiro olhar, falara para ele, na frente de todos, na *Avenida*:

— Ó cara, tu não é um cara ruim, tu é um canalha. *Tô* bem tranquilo com a solidez de tua testa, não me dá preocupação, pois tenho certeza que tu está destinado a uma bela carreira nos campos de concentração. Vai ficar olhando os outros trabalhar com a enxada e tu vai ficar preenchendo formulários e tu vai *sê* da Brigada de Choque. Não nega. É claro como água que tu dedurou todos os teus companheiros. Não nega, irmão, nem vou insistir.

O jovem carteiro enrubesceu. O Ancião não se mostrava muito, mas sua voz emergia sempre no momento certo, de trás de uma nuvem de fumaça. Ele liquidou logo o incidente que estava para nascer.

— Cala a boca, Malych. Ninguém tem o direito de suspeitar da perfeita honorabilidade dos cidadãos do Caos.

Para Mikhail Ivanovitch, o Ancião era um mistério. Duas vezes por semana, ele se colocava na *Avenida*, com pedaços de papel higiênico,

26 Revólver de sete tiros criado pelo belga Léon Nagant para o exército tsarista.

que o guarda lhe fornecia, e propunha:

— Alguém gostaria de escrever para as autoridades proletarianas?

Com seus cabelos duros e lisos, sua barba preta que formava um colarinho compacto, sua pele pálida debaixo dos olhos fundos, seus ombros altos e quadrados, de pé sobre suas longas pernas afastadas, ele dizia isso com um vago acento de sarcasmo. "Um contrarrevolucionário?" se perguntava Mikhail Ivanovitch. Um dia, ele o abordou, após ter-lhe oferecido sua porção de sopa (naquele dia, ele tinha um pouco de febre): — E o Senhor, Ancião, qual artigo do Código o trouxe para cá?

Habitualmente, essa informação era dada de bom grado, sem porém se aprofundar muito, a menos que se quisesse. E, mesmo assim, se procurava dar indicações muito vagas. O Ancião piscou o olho de modo bizarro e respondeu:

— Não vou dizer, meu caro. Talvez nem eu saiba. Tem casos assim, tem sim! Olha, no Caos, metade dos irmãos mentem e a metade dos outros não sabe o que diz, porque nem esses nem aqueles sabem direito o que tá acontecendo com eles. Preciso *deixá* claro que acredito no destino. É mais do que certo que cada um de nós tem seu destino e que tem também um destino para todos, onde tudo isso oscila, como quem diria, em função da revisão dos números de controle pela Comissão do Plano... Só que, o Senhor há de convir, não se pode viver sem segredo, não é? Precisamos de um mistério no Caos. Então, esse sou eu. Ninguém sabe o que sou. E nunca direi. Para ninguém. Nem mesmo para eles...

A palavra *eles*, na sua boca e nos seus olhos, tomou estranhas proporções. Ela abrangeu os quinze andares de cimento, os duzentos gabinetes, os Batalhões Especiais, a Repartição Secreta, tudo aquilo que não se sabe dessa armadura poderosa e complexa na qual os seres humanos são levados, tão inexoravelmente quanto o grãozinho na peneira.

— Camarada, eles podem me segurar até o último julgamento, não vou falar nada. Nada. Ouviu? Gostariam de saber tudo, ha ha ha! E talvez nem saibam o que é que querem comigo. E eu: fico quieto. Esse é o segredo. Talvez não tem nada. Talvez tem *tudo*.

A palavra "tudo" continha a ameaça, a confissão, o medo, a noite,